



MININA VITÓRIA

MININA VITÓRIA

# A SALVAÇÃO DA LÍNGUA:

a narrativa como pátria em *Die Gerettete Zunge*, de Elias Canetti

RAFAEL HUMBERTO SILVEIRA\*

**RESUMO** O presente artigo analisa a função de língua(s) e literatura como elementos da construção de uma identidade transnacional e multilíngue no contexto de migração descrito na obra autobiográfica *Die gerettete Zunge*, de Elias Canetti (1905–1994). As línguas e narrativas mencionadas na obra são analisadas em relação à sua relevância na formação do escritor e na criação de uma perspectiva em relação à migração e sua representação literária.

**PALAVRAS-CHAVE** Elias Canetti. Literatura de língua alemã. Literatura de migração.

## THE SALVATION OF LANGUAGE: narrative as homeland in *Die gerettete Zunge* by Elias Canetti

**ABSTRACT** This article analyzes the function of language(s) and literature as key elements for the construction of a transnational and multilingual identity in the context of migration described in the autobiographical book *Die gerettete Zunge* or *The Tongue Set Free* by Elias Canetti (1905–1994). The languages and narratives mentioned in the book are analyzed in terms of their relevance for the writer's personal development and for the construction of a perspective regarding migration and its literary representation.

**KEYWORDS** Elias Canetti. German literature. Migration literature.

\* Doutorando em Literatura alemã e Master of Arts em Literatura, Artes e Cultura pela Universidade Friedrich Schiller em Jena, Alemanha. E-mail: rafael-humberto.silveira@uni-jena.de

## Introdução

<sup>1</sup> CANETTI, Elias: *Die gerettete Zunge. Geschichte einer Jugend*. Munique; Viena: Carl Hanser, 1977.

<sup>2</sup> A tradução atualmente disponível para o português brasileiro é CANETTI, Elias: *A língua absolvida. História de uma juventude*. Tradução: Kurt Jahn. São Paulo: Companhia das Letras 2010. Essa tradução será citada apenas como referência para a localização dos excertos mencionados, portanto com a abreviação “v.” para “vide”, uma vez que apresenta problemas que se relacionam diretamente à temática aqui abordada, como será explicado a seguir. Todas as demais traduções para o pt. bras. presentes neste artigo são de minha autoria.

<sup>3</sup> CANETTI, Elias: *Die Fackel im Ohr. Lebensgeschichte 1921–1931*. Munique; Viena: Carl Hanser, 1980. Trad. pt. bras.: CANETTI, Elias: *Uma luz em meu ouvido. História de uma vida*. Tradução: Kurt Jahn. São Paulo: Cia. das Letras, 2010 (a).

<sup>4</sup> CANETTI, Elias: *Das Augenspiel. Lebensgeschichte 1931–1937*. Munique; Viena: Carl Hanser, 1985. CANETTI, Elias: *O jogo dos olhos*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Cia. das Letras, 2010 (b).

**D**ie gerettete Zunge. *Geschichte einer Jugend*<sup>1</sup>, em tradução livre *A salvação da língua*<sup>2</sup>, é a primeira parte de uma trilogia de relatos autobiográficos do escritor Elias Canetti (1905–1994). As outras duas partes são *Die Fackel im Ohr*<sup>3</sup> e *Das Augenspiel*<sup>4</sup>, publicados originalmente em alemão respectivamente em 1977, 1980 e 1985. O primeiro volume aqui analisado abarca o período a partir de 1905 – ou, mais especificamente, por volta de 1907, data da “lembrança mais primeva”<sup>5</sup> do autor – até 1921. Embora a obra de Canetti de maior relevância literária seja seu primeiro romance, *Die Blendung*<sup>6</sup> – em tradução livre *A ofuscação*<sup>7</sup> –, publicado originalmente em 1935, é com a trilogia autobiográfica que o escritor alcança um público mais amplo e internacional, criando um marco importante na literatura de migração e mundial. Apesar da reconhecida e premiada relevância da trilogia, nos estudos literários atuais, há ainda poucos trabalhos que a contemplem com maior profundidade. O presente artigo é, portanto, também uma tentativa de compensar minimamente e incentivar a superação dessa lacuna de pesquisa, explicitando os paralelos da obra com uma temática central para sua constituição: a construção identitária no contexto de migração, mais especificamente neste caso, por meio da(s) língua(s) e literatura.

A temática da migração e sua relação com a construção identitária são altamente relevantes no cenário sociopolítico moderno. O agravamento dos conflitos no Oriente Médio a partir de 2010 atingiu proporções intercontinentais, especialmente a partir de 2014, gerando um aumento do fluxo migratório, sobretudo em direção à Europa. Disso resultaram fortes reações populares, muito diversas entre si, que passaram por esforços humanitários exemplares, envolvendo a criação e manutenção de estruturas não governamentais de apoio a refugiados, até o extremo oposto, como a fundação de um movimento popular contra a “islamização do Ocidente”<sup>8</sup>. A isso se seguiu uma preocupante onda de instabilidade política, também na Europa central e do norte.

A Europa, entretanto, não representa um caso isolado: no ano de 2015, o número de migrantes forçados ou refugiados, no mundo, foi estimado pela Organização das Nações Unidas em 65,3 milhões de pessoas.<sup>9</sup> É importante diferenciar, nesse contexto, exílio de migração: o exílio se refere à migração forçada visando à proteção de condições normais de sobrevivência daqueles que passam então a ser chamados de “refugiados”; a migração é preponderantemente voluntária e visa, entre outros, ao melhoramento da situação socioeconômica, profissional, educacional do migrante. Embora os números possam variar de acordo com a definição do conceito de migrante, uma estimativa da ONU revelou que, em 2015, existiriam no total 244 milhões de migrantes em todo o mundo.<sup>10</sup>

Uma alternativa viável para o combate à intolerância social apregoada pela radicalização do populismo é a História, tanto no sentido da investigação das circunstâncias vivenciadas pelas gerações anteriores quanto das histórias, factuais ou ficcionais, deixadas por essas gerações.<sup>11</sup> A literatura e os estudos literários oferecem, assim, mecanismos de análise de histórias com alto potencial de conscientização, uma vez que o trabalho com relatos da alteridade nos convida a uma imersão na perspectiva do outro. Em nenhum outro contexto, esse potencial pode ser mais importante do que no esforço de compreensão da situação dos que foram excluídos ou marginalizados em circunstâncias de conflito, intolerância, discriminação, preconceito. A análise da obra de Canetti e do período em que se insere apresenta, dessa forma, um alto potencial de elucidação e de advertência em relação aos contextos históricos da época de seu surgimento e ao contexto atual.

Parte do período abordado no primeiro tomo da trilogia comemora, neste ano, seu centenário juntamente com a data do fim da sangrenta Primeira Guerra Mundial (1914–1918), cuja eclosão merece especial atenção. Os progressos tecnológicos da virada do século XIX para o século XX aumentaram não apenas a mobilidade espacial de pessoas e mercadorias: as inovações também expandiram imensamente o horizonte de experiência das gerações nascidas nas décadas próximas de 1900, modificando profundamente sua relação com o avanço da tecnologia.

O escritor austríaco Stefan Zweig (1881–1942) descreve nos capítulos iniciais de seus relatos autobiográficos, intitulados *Die Welt von gestern. Erinnerungen eines Europäers*. ou *O mundo de ontem: memórias de um europeu*<sup>12</sup>, o período que antecedeu a eclo-

<sup>5</sup> Este é também o título do primeiro subcapítulo, “Meine früheste Erinnerung”.

<sup>6</sup> CANETTI, Elias: *Die Blendung*. Frankfurt a. M.: Fischer, 1994. Sobre a relevância da obra ver, por exemplo FRENZEL, Herbert A.; FRENZEL, Elisabeth: *Daten deutscher Dichtung. Chronologischer Abriss der deutschen Literaturgeschichte*. Bd. 2. Vom Realismus bis zur Gegenwart. Munique: Dtv, 1990, S. 608 ou DURZAK, Manfred: *Canettis Lebensroman. Zu einigen Prinzipien seiner Darstellung*. In: ANGELOVA, Penka; STAITSCHEVA, Emilia (Hg.): *Autobiographie zwischen Fiktion und Wirklichkeit: internationales Symposium, Ruse, Oktober 1992*. St. Ingbert: Röhrig 1997 (=Schriftenreihe der Elias-Canetti-Gesellschaft; Bd. 1), p. 29-46.

<sup>7</sup> CANETTI, Elias: *Auto de fé*. Tradução: Herbert Caro. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

<sup>8</sup> Em alemão “Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes” ou PEGIDA.

<sup>9</sup> V. UNHCR. The UN Refugee Agency Website: <http://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/576408cd7/unhcr-global-trends-2015.html> Acesso em 21 mar. 2018.

<sup>10</sup> A definição de “migrante” que consta na fonte citada é “pessoa vivendo fora do país em que nasceu” (“[...] persons living in a country other than where they were born”). Fonte: UNITED NATIONS ORGANISATION. Website: <http://www.un.org/sustainabledevelopment/>

blog/2016/01/244-million-international-migrants-living-abroad-worldwide-new-un-statistics-reveal/ Acesso em 21 mar. 2018. É interessante refletir, em face da dificuldade relativa à definição do conceito de migrante, a qual categoria Canetti e sua família pertenceriam: à migração clássica, não forçada.

<sup>11</sup> Essa é a estratégia desenvolvida, por exemplo, em KRISTEVA, Julia: *Strangers to Ourselves*. New York (e. a.): Columbia University Press, 1991.

<sup>12</sup> ZWEIG, Stefan: *Die Welt von gestern. Erinnerungen eines Europäers*. Berlin; Weimar: Aufbau-Verlag, 1990. Traduções existentes para o pt. bras.: ZWEIG, Stefan. *Autobiografia: o mundo de ontem*. Tradução: Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. ZWEIG, Stefan. *O mundo de ontem: memórias de um europeu*. Tradução: Manuel Rodrigues. Porto: Civilização 1970.

<sup>13</sup> Tradução própria de ZWEIG (1990, p. 14-15): [...] dieser Glaube an den ununterbrochenen, unaufhaltsamen ‚Fortschritt‘ hatte für jenes Zeitalter wahrhaftig die Kraft einer Religion.

<sup>14</sup> ZWEIG (1990, p. 8): “In dem einen kleinen Intervall, seit mir der Bart zu sprossen begann und seit er zu ergrauen beginnt, in diesem einen halben Jahrhundert hat sich mehr ereignet an radikalen Veränderungen und Verände-

são da Grande Guerra como tendo sido marcado por prosperidade, bem-estar social e extremada confiança no futuro: “[...] essa crença no ‘progresso’ contínuo e irrefreável possuía para aquela época de fato a força de uma religião”<sup>13</sup>, em nome da qual condutas muitas vezes contrárias ao bem-estar humano seriam justificadas. Em outro trecho de *O mundo de ontem*, Zweig comenta os efeitos do vertiginoso ritmo de transformações pelas quais sua geração passou:

Nesse breve intervalo, desde que me começou a nascer barba até o momento em que ela começa a se tornar grisalha, nesse meio século ocorreram mais mudanças e transformações radicais do que em geral durante dez gerações, como cada um de nós sente: quase chega a ser demasiado! Meu hoje é tão diferente de cada ontem, minhas ascensões e quedas, que por vezes parece que tive não apenas uma, mas sim várias existências completamente diferentes entre si.<sup>14</sup>

É interessante constatar que as vivências narradas pelos dois autores – Stefan Zweig e Elias Canetti –, em seus respectivos relatos autobiográficos, contrastam em pontos importantes: assim como a guerra apenas reforçou ainda mais o amor de Zweig pela humanidade – característica em comum com Elias Canetti – e sua convicção em relação ao pacifismo, os períodos de migração por países como Inglaterra, Estados Unidos, Argentina e Paraguai intensificaram no autor o sentimento de seu pertencimento a uma identidade europeia. Para Canetti, o período de migração e a experiência da(s) guerra(s) trouxeram, por outro lado, a consciência da artificialidade e do perigo da ideia do nacionalismo e da relação entre massa e poder, elementos elaborados sobretudo na segunda parte da trilogia e explorados a fundo por Canetti em seu livro *Masse und Macht* ou *Massa e poder*.<sup>15</sup>

Zweig busca traçar um panorama de toda uma época e seus principais atuantes, mostrando problemas, denunciando injustiças, citando os nomes mais importantes, vinculando sua vida às demais que cruzaram seu caminho. Sua perspectiva é marcada pela sobriedade, pela experiência pessoal e coletiva da decadência e pela consequente desilusão em relação ao presente – embora se mostre convictamente esperançoso em relação a um futuro que já não acredita vir a presenciar. Nos relatos de Canetti, o leitor é quase sempre guiado pela perspectiva do narrador em meio a acontecimentos de cunho pessoal, como no caso da curta menção ao Atentado de Sarajevo em 1914:

Mal tenho lembranças do primeiro ano em Viena no que se refere à escola. Apenas no fim desse período aconteceu algo, quando o príncipe herdeiro do trono foi assassinado. O senhor Tegel tinha sobre sua mesa uma edição extraordinária de um jornal com bordas pretas. Todos tivemos de nos levantar, e ele nos comunicou o acontecido. Então cantamos o Hino do Imperador, e ele nos mandou para casa – pode-se imaginar nossa alegria.<sup>16</sup>

-und Veränderungen als sonst in zehn Menschengeschlechtern, und jeder von uns fühlt: zu vieles fast! So verschieden ist mein Heute von jedem meiner Gestern, meine Aufstiege und meine Abstürze, daß mich manchmal dünkt, ich hätte nicht bloß eine, sondern mehrere, völlig voneinander verschiedene Existenzen gelebt."

15 CANETTI, Elias: *Massa und Macht*. Frankfurt a. M.: Fischer, 1991. Tradução existente para o pt. bras.: CANETTI, Elias: *Massa e poder*. São Paulo Cia. das Letras, 1995.

16 CANETTI, 2010, parte 3, cap. "Viena 1913-1916", subcapítulo "O terremoto de Messina".

17 CANETTI, 2010, parte 3, cap. "Viena 1913-1916", subcapítulo "Ecloração da guerra".

Alguns fatos e eventos de maiores proporções, que extrapolaram a compreensão do autor quando ainda criança, são comentados, no texto da primeira parte da trilogia, apenas em sua relevância dentro do contexto familiar. Um exemplo é o episódio em que Elias e seus dois irmãos, Nissim e Georges, são atacados por uma multidão enfurecida num parque na cidade de Baden, próxima a Viena, após entoarem o hino nacional inglês durante a execução do hino alemão por ocasião do anúncio da declaração de guerra da Alemanha contra a Rússia.<sup>17</sup> Outro exemplo drástico do sucumbir de eventos de grandes proporções no contexto da vida familiar encontra-se na mesma parte dos relatos, que abarca o período por volta de 1913, quando a família se encontrava na Suíça e em Viena: a ausência de uma menção da escalação dos conflitos entre Sérvia e Bulgária (onde parte da família de Canetti se encontrava) relativos à posse de territórios na Macedônia. Os conflitos levariam à segunda guerra nos Bálcãs, na qual mais de 60.000 pessoas (entre elas 18.000 búlgaros) perderam suas vidas. A inexistência de uma menção, em seus relatos, a fatos de grande relevância internacional não deve, entretanto, ser interpretada como mera indiferença por parte do autor, que se posiciona politicamente e aborda o cerne de algumas dessas questões nas outras partes da trilogia e em outras de suas obras.

Outra diferença importante entre os relatos de Canetti e Zweig pode ser identificada por meio da comparação do título da primeira parte das memórias de Canetti (*A salvação da língua*) com o subtítulo dos relatos de Zweig (*Memórias de um europeu*): Zweig, natural de Viena, onde também cresceu, durante um dos períodos mais culturalmente férteis da sociedade austríaca, sinaliza a busca de uma identificação identitária por meio da alusão a uma origem europeia comum, que havia sido atacada pela ideologia fascista/nazista e violentada pela guerra. Sua referência de identificação é baseada na aspiração de uma unidade europeia como aquela contida no lema da atual União Europeia: "In varietate concordia". Da perspectiva em que Zweig escrevia seus relatos, entretanto, a Europa parecia nunca haver estado tão longe do propósito de formar uma comunidade unificada.

A última de suas “existências”, sentidas e descritas pelo escritor como extremamente díspares, foi o exílio no Brasil, onde viveu junto de sua mulher, Charlotte Altmann, até 1942, quando decide colocar um fim em sua exaustiva “peregrinação”:

Aprendi a amar cada dia mais esse país e em nenhum outro lugar eu preferiria reconstruir minha vida desde o princípio, uma vez que o mundo da minha própria língua para mim ruiu e [...] minha pátria intelectual destrói a si mesma. Porém, depois do sexagésimo ano de vida eu necessitaria de uma força descomunal para recomeçar do zero. E após os [...] longos anos de peregrinação apátrida, minhas forças se acabaram.<sup>18</sup>

<sup>18</sup> ZWEIG, Stefan: [Abschiedsbrief]. 22/ 2/1942. Disponível on-line: [https://de.wikisource.org/wiki/Abschiedsbrief\\_Stefan\\_Zweigs](https://de.wikisource.org/wiki/Abschiedsbrief_Stefan_Zweigs) Os colchetes representam trechos rasurados pelo autor no original.

Que fatores teriam impedido que o roteiro migratório da família de Canetti e o roteiro traçado pelo próprio Elias em sua vida adulta o levassem a um fim semelhante ao de Zweig? Uma das condições que possibilitaram e condicionaram o desenvolvimento de uma perspectiva de abertura e pluralização cultural e linguística para Canetti, como quero argumentar no que se segue, foi a perspectiva do autor em relação à migração e seu vínculo com língua e literatura.

O mundo da língua que Canetti considerava sua – a mesma língua alemã de Zweig, cujo sotaque vienense inclusive deveria ser o mesmo da mãe de Canetti – permanece, diferentemente do caso do austríaco, a salvo: Canetti cria, por meio dos vínculos linguístico e literário, seu elo de construção identitária. *A salvação da língua* é também a salvação de uma identidade emocional, cultural, intimamente ligada às experiências migratórias transnacionais – e, conseqüentemente, antinacionalistas – do autor. A língua, sobretudo a narrativa, tornam-se uma proteção contra a tendência geral de ideologização e mobilização bélica que pairava no ar de Viena em 1914.

Embora nascido no – então principado – da Bulgária, na cidade de Ruse, fronteira com a Romênia, Canetti jamais chegou a obter o passaporte búlgaro.<sup>19</sup> Seu pai e seus avós paternos eram naturais da cidade de Edirne, na Turquia, próxima à fronteira com Bulgária e Grécia, e tinham, assim como a mãe de Canetti (nascida também em Ruse), passaportes turcos por motivos práticos e de segurança. Após emigrar da Alemanha, em 1938, devido às perseguições dos nazistas aos judeus, o autor se muda para a Inglaterra e se naturaliza cidadão inglês em 1952. Mais tarde ele retornaria para Zurique, na Suíça. Esses são alguns dos fatos que dificultam a atribuição de uma nacionalidade ao escritor, cuja biografia migratória extrapola os parâmetros convencionais de definição.

<sup>19</sup> HANUSCHEK, Sven: *Elias Canetti. Biographie*. Munique; Viena: Carl Hanser, 2005.

A família, embora estabelecida na Bulgária, onde o avô paterno desempenhava atividades comerciais, cultivava sua identidade judia sefardita, estando consciente de sua origem hispânica.<sup>20</sup> Os pais, Jacques e Mathilde (nascida Arditti) Canetti resolvem deixar a Bulgária em 1911, em busca de maior liberdade individual e prosperidade em Manchester, Inglaterra. Entretanto, a tragédia da súbita morte do pai, já no ano seguinte à chegada à Grã-Bretanha, faz com que a mãe de Elias resolva se mudar novamente com os filhos, primeiramente para Viena, na Áustria, e mais tarde para Zurique, na Suíça. As seções em que os relatos desse período se dividem foram denominadas segundo as cidades nas quais a família viveu e o respectivo período de permanência, reforçando a importância exercida pelo deslocamento na estruturação cronológica das memórias do autor. Associado ao fator do deslocamento, entretanto, já no título dos relatos apresenta-se um fio condutor da narrativa subjacente ao roteiro migratório da família: as línguas.

O aspecto linguístico é um dos elos semânticos que se pronunciam de modo mais intenso nos relatos, vinculado intimamente à relação do autor com seus pais. Elias é estimulado por seu pai ao hábito da leitura, iniciando-se pelas obras canônicas, da literatura europeia e mundial, cujo conteúdo reporta diligentemente ao pai em conversas que criam um vínculo emocional profundo. Sob a perspectiva materna, o autor entra em contato, já no período de sua infância e início de sua juventude, não apenas com línguas, mas também com um seletivo repertório de ideias nos âmbitos social, linguístico, artístico e de costumes, que o orientarão, segundo narra, para o resto de sua vida. No contexto de migração da família, língua e literatura tornam-se valores imprescindíveis, atuando, como será mostrado no que se segue, na formação identitária de Canetti e na construção de uma noção de pertencimento não a um lugar, mas, sim, a um patrimônio (ou matrimônio) cultural, a uma língua: ao alemão, a língua “secreta” falada por seus pais entre si e, mais tarde, ensinada ao autor por sua mãe, também poliglota e filomática.

O amor de Mathilde Canetti pela literatura e pelo teatro é transmitido a seu filho durante e em parte no contexto de migração da família. No caso do autor, esse vínculo a um patrimônio imaterial serviu para abrandar ou até aniquilar por muito tempo a sensação de deslocamento (geográfico e cultural), como mostram menções específicas de seus primeiros encontros com os grandes clássicos da cultura erudita durante sua

<sup>20</sup> A designação *sepharad* (סְפָרַד) denota em hebraico a península ibérica. Como Hanuschek (2005, p. 35) explica, os sefarditas são descendentes dos judeus expulsos da Espanha em 1492. A família Canetti provavelmente seria originária do município de Cañete, província de Cuenca, em Castilla-La Mancha, entre Madri e Valência.

formação escolar essencialmente humanística. Língua e linguagem, contidas em uma única palavra em alemão (*Sprache*), fundem-se também em seu papel fundamental na autorrepresentação literária de Canetti. A análise de seus relatos possibilita reconhecer que, no contexto migratório, sobretudo no caso de sua família judia sefardita, a noção de origem é representada em grande parte pela língua, assim como pela dedicação, respeito e preservação da herança de uma identidade cultural.

A restrição da análise ao primeiro volume da trilogia autobiográfica se justifica tanto pelas condições de espaço, impostas pelo contexto do presente artigo, quanto pelo caráter formativo de maior profundidade e intensidade das experiências narradas nesse primeiro volume. Esse aspecto não representa, entretanto, uma limitação ao objetivo formulado inicialmente, de elucidar e enfatizar a função, descrita nos relatos memorialísticos do autor, de língua e literatura como ferramentas de construção de identidade num contexto migratório multicultural e plurilinguístico. Num primeiro momento, serão contempladas algumas das línguas abordadas nos relatos, como espanhol, inglês e alemão, em seções separadas, para, em seguida, ser traçado um panorama geral dos aspectos mais importantes de sua contribuição, de acordo com trechos dos relatos que embasam e exemplificam a hipótese levantada anteriormente. A seguir, serão analisadas algumas das estruturas discursivas utilizadas nos relatos, que auxiliarão no embasamento da conclusão da presente argumentação.

## Desenvolvimento

<sup>21</sup> EDFELT, Johannes: *Award Ceremony Speech*. The Nobel Foundation, 1981. Disponível on-line: <[http://www.nobelprize.org/nobel\\_prizes/literature/laureates/1981/presentation-speech.html](http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1981/presentation-speech.html)> Acesso em 23 fev. 2018.

<sup>22</sup> MOSLUND, Sten Pultz: *Migration Literature and Hybridity. The Different Speeds of Transcultural Changes*. Basingstoke (e. a.): Palgrave Macmillan, 2010, p. 6.

“The exiled and cosmopolitan author Canetti has one native land, and that is the German language”<sup>21</sup> – são as palavras introdutórias do discurso de entrega do prêmio Nobel de Literatura do ano de 1981, concedido a Elias Canetti, principalmente pela obra aqui abordada e sua temática. A aparente incoerência da ideia de uma língua materna como pátria pode ser justificada, nesse sentido, não apenas pela trajetória migratória do autor ou pelo cosmopolitismo a ele aqui atribuído, mas, acima de tudo, por sua condição primária de *autor*: A moderna literatura de migração aborda a identidade humana, cultural e nacional, assim como o processo de globalização, não apenas refletindo, mas também construindo um universo migratório inter e intratextual.<sup>22</sup> O modo de construção desse universo migratório é o objeto a que se dedica o presente

artigo, cujo objetivo é explicitar brevemente as estratégias das quais lança mão Elias Canetti na composição de seus relatos autobiográficos.

As passagens episódicas narradas apresentam elementos à primeira vista díspares e contraditórios, mas que se entrecruzam, interagem e se influenciam mutuamente, formando a tessitura narrativa engendrada por Canetti. Os capítulos iniciais, mais curtos, apresentam os esforços do autor em não apenas reunir e descrever suas lembranças mais primevas, como também em situá-las no contexto familiar, cultural, geográfico e linguístico maior em que o autor se viu inserido em sua infância durante a migração de sua família.

Um elemento de ligação entre todas essas esferas são as línguas. A alusão a elas se inicia já no começo do livro, no impactante relato da “lembrança mais remota” do autor:

Minha lembrança mais remota está banhada em vermelho. Uma menina me carrega em seus braços, saímos por uma porta, o chão à minha frente é vermelho e à esquerda há uma escada, também vermelha. Do lado oposto ao que estamos, à mesma altura, uma porta se abre e dela sai um homem sorridente, que caminha em minha direção com ar amistoso. Ele chega bem perto de mim, para e me diz: “Mostra a língua!” Boto a língua para fora, ele põe a mão no bolso, tira um canivete, abre-o e chega a lâmina bem perto da minha língua. “Agora vamos cortar sua língua fora.” – diz. Não ousou recolher a língua, ele chega a lâmina cada vez mais perto dela, mais um pouco e a tocará. No último instante ele abaixa o canivete e diz: “Hoje ainda não, amanhã.” Ele fecha o canivete e o guarda de volta no bolso. Todas as manhãs saímos pela porta para o corredor vermelho, a porta se abre e o homem sorridente aparece. Sei o que vai dizer e espero sua ordem para mostrar a língua. Sei que vai cortá-la e tenho cada vez mais medo. Assim começa o dia e isso se repete várias vezes. [...]

A ameaça com o canivete surtiu efeito: O menino silenciou sobre isso por dez anos.<sup>23</sup>

23 V. CANETTI, 2010, p. 3.

A alusão feita à língua no sentido orgânico cria um duplo sentido em relação ao título da obra e à interpretação de sua totalidade. A língua “salva” – tradução do participio passado do verbo alemão “retten” (salvar) mais esclarecedora nesse contexto – pode ser interpretada, assim, essencialmente de duas formas: tanto em relação ao episódio narrado nessa passagem inicial do livro, referente ao órgão do autor, quanto ao idioma no qual seus pais se conheceram e se apaixonaram um pelo outro em Viena. A tradução como “língua absolvida” traz uma noção de passividade, por um lado condizente com a descrição do caso da ameaça física<sup>24</sup> narrada pelo autor no início do livro: A “ab-

24 Ameaça encenada pelo suposto amante de uma babá búlgara – contratada pelos pais de Canetti em 1907 para o período de suas férias em Karlsbad, na Áustria – para que o menino não contasse aos pais sobre os encontros secretos que fora forçado a presenciar, da babá, ainda menor de idade, com o amante.

solução” partiria do próprio perpetrador da ameaça, que simulava mudar de ideia na iminência do ato da amputação. Entretanto, a noção de agentividade contida no verbo “salvar” é mais condizente com a perspectiva geral dos relatos: A temática do penoso aprendizado da língua alemã e, por conseguinte, da recuperação de parte importante da memória do pai, do estabelecimento de um vínculo mais profundo com a mãe e da obtenção de um instrumento de descoberta e expressão identitária, estende-se por todo o livro. Considerando-se que o enfoque dos relatos recai sobre o processo de “salvar” a língua, e não sobre o objeto salvo em si, a sugestão de tradução do título que parece mais adequada é *A salvação da língua*, adotada aqui. Nela estão contidos o aspecto da agentividade, mencionado acima, e também uma nuance de sentido que amplia as possibilidades de sua interpretação: A língua também “salva” o autor da angústia e da dor pela perda de parentes e amigos, pela supressão de seu direito de acesso e permanência nos lugares em que passou sua infância, pela imposição da migração e do exílio. Esse aspecto é ressaltado aqui para que possa ser explorado mais detalhadamente na seção a seguir, em que o contato de Canetti com a língua alemã será discutido, e nas considerações conclusivas deste artigo.

A referência ao contexto de migração se faz presente desde o segundo subcapítulo do livro, “Familienstolz” ou “Orgulho de família”, assim como características regionais desempenham um papel importante no desenvolvimento da perspectiva multilinguística apresentada nos relatos. A cidade natal de Canetti, Ruse, no nordeste da Bulgária, apresentava, segundo o autor, nas primeiras décadas do século XX, uma extraordinária pluralidade étnica, cultural e linguística. Entre as origens étnicas identificadas pelo autor estavam, além de judeus sefarditas, mais próximos da família, búlgaros, romenos, turcos, gregos, albaneses, armênios, ciganos e russos.

Muitas vezes se conversava sobre idiomas; só em nossa cidade eram faladas sete ou oito línguas, e todos entendiam um pouco de cada uma. [...] Cada um enumerava as línguas que conhecia, e era importante que se dominasse muitas, pois poderia acontecer que com o seu conhecimento se viesse a salvar a própria vida ou a de outros.<sup>25</sup>

25 V. CANETTI, 2010, p. 34.

Como exemplificado na citação acima, o domínio linguístico está associado à salvação da vida e à sobrevivência. As experiências linguísticas narradas nos relatos memorialísticos assumem, assim, desde muito cedo, grande importância na formação social e emocional de Canetti e auxiliam na elucidação do processo de formação identitária

no contexto migratório em que o autor passou sua infância. É conveniente para sua análise separá-las em grupos de acordo com a ordem cronológica em que são relatadas, como apresentado a seguir.

## *Búlgaro, hebraico e ladino*

O contato de Canetti com o búlgaro dá-se por meio das pessoas que trabalhavam na casa da família, oriundas daquela região, sobretudo as criadas que lhe contavam histórias populares e de terror. Pelo fato de não ter continuado a ter contato com a língua búlgara depois da mudança da família para a Inglaterra em 1911, o autor afirma lembrar-se dessas histórias em alemão, apesar de estar seguro de tê-las ouvido originalmente em búlgaro. Esse é um dado que merece maior atenção: embora tenha nascido na Bulgária, Canetti apresenta em suas memórias uma espécie de justificativa para o fato de ter uma ligação forte não com o país, mas, sim, com as lembranças e sobretudo com as línguas faladas no contexto de sua infância. A recuperação dessas memórias de infância passou, assim, por uma recriação linguística da qual o autor se mostra consciente:

Das histórias fantásticas que ouvi, só as de lobisomens e vampiros me ficaram na memória. Talvez não contassem outras. Não há um livro de contos balcânicos que eu pegue sem logo reconhecer várias delas. Eu as tenho presentes em todos os seus detalhes, mas não na língua em que as ouvi. Apesar de tê-las ouvido em búlgaro, eu as conheço em alemão, e essa misteriosa tradução talvez seja o fato mais estranho de minha juventude que tenho para relatar [...].<sup>26</sup>

26 V. CANETTI, 2010, p. 11.

Outra língua igualmente “salva” na memória de Canetti é o judeu-espanhol ou ladino, com o qual continuou a ter contato na Inglaterra, uma vez que ela ainda é falada por diversas comunidades sefarditas na Europa, Israel e Oriente Médio. O ladino é descrito como elemento maior de distinção de judeus sefarditas, que eram, então, segundo o autor, em sua maioria, formalmente cidadãos turcos por motivos práticos. Também a cidadania búlgara apresentava, assim, um valor meramente secundário frente ao pertencimento à comunidade judaica sefardita, possuidora de uma pronunciada consciência de sua origem hispânica, cultivada sobretudo por meio da língua. Essa identidade de grupo se manifesta, porém, também num hábito segregacionista: dentro da comunidade sefardita era proibida a união de seus membros com membros

de comunidades originárias da Europa central ou do leste europeu. Havia, além disso, uma separação estrita de membros da própria comunidade sefardita entre aqueles de “boa família” de um lado – como a família materna do autor, os Arditti –, e, de outro, aqueles cuja família havia ascendido socialmente há poucas gerações – como a família paterna Canetti. Esses aspectos de valoração moral e costumes fazem parte do que o autor afirma ser efeito de uma “mentalidade hispânica”, cuja impressão deixada em suas lembranças superaria aquela deixada pelas canções infantis e romances espanhóis que lhe foram apresentados na época.<sup>27</sup>

27 V. CANETTI, 2010, p. 5. Também Stefan Zweig descreve o mesmo comportamento como característico para os judeus em geral. V. ZWEIG, 1990, p. 22.

O ladino foi utilizado pela família no âmbito interno ao círculo familiar paterno (Canetti) e materno (Arditti) e da comunidade judaica sefardita na qual ambas se inseriam e, externamente, no âmbito da comunidade da cidade de Ruse, com sua peculiar pluralidade anteriormente citada. Entretanto, a família mudou sua língua de comunicação para o inglês após a chegada a Manchester, fato que indica menos uma falta de arraigamento em relação ao ladino do que uma orientação em relação à absorção profunda dos elementos trazidos pela migração.

O hebraico apresenta-se nos relatos como “língua mágica” ou “*die Zaubersprache*”, título de um dos capítulos da obra. É o idioma cerimonial religioso vigente, utilizado, por exemplo, nas celebrações do Sêder de Pessach, a páscoa judaica, em que o avô Canetti respondia (num rito tradicional) à pergunta do neto primogênito e homônimo com a leitura da Hagadá, contando a história da libertação dos judeus do Egito. Por se restringir ao cumprimento de funções religiosas – num contexto em que a prática do judaísmo poderia significar exclusão social –, o hebraico perde espaço durante a formação escolar do autor. O jovem Elias fora incentivado pelo avô a frequentar aulas na escola de Talmude Torá durante o período em que a família morou em Viena (1913-1916), porém descreve sua frustração com as aulas, em que se aprendia apenas a ler ou recitar passagens sem discutir seu sentido. Nesse exemplo, fica claro que o interesse de Canetti não era a língua como sistema isolado, mas, sim, como instrumento de acesso a um inventário de ideias e narrativas.

A comunidade judia descrita nos relatos apresenta um padrão ambíguo de fechamento (ideológico e social) por um lado, mas, por outro, de abertura e tolerância em relação à comunidade que a circundava. É interessante notar que a separação em diferentes comunidades incompatíveis para o matrimônio entre si, apresentada pelo avô

paterno ao autor quando este contava apenas seis anos de idade – e que continha a proibição expressa de um casamento com um membro de uma comunidade asqueneze ou de origem alemã (ou *tudesco*, como narra Canetti) –, não excluía a admiração dos pais do autor pela língua e cultura alemãs. Esse fato desempenhou papel importante em relação à motivação de Canetti para aprender a língua alemã, sobretudo após a morte de seu pai, e a língua inglesa, ainda durante a vida deste.

## *A língua inglesa e o presente da literatura*

Após a mudança da família para Manchester em 1911, o inglês é estabelecido como língua principal de comunicação da família, permanecendo como língua de contato entre o autor e seus dois irmãos, Nissim (1909–1997) e Georges (1911–1971) Canetti, até o final de sua infância. Um fato importante nesse contexto é que Canetti, diferentemente de seus irmãos, começa a frequentar a escola e a ser alfabetizado em inglês, como descrito nos relatos. O ano de 1912 fica marcado na memória do autor, no entanto, devido a um outro aprendizado muito mais severo e dramático que o da língua: o luto. Na escola primária que Canetti frequentava, sua professora, Miss Lancashire, narra à classe (na faixa etária de aproximadamente sete a oito anos) o episódio envolvendo a dura morte do capitão da Marinha britânica Robert F. Scott, em março daquele ano. O impacto causado em Canetti por esse acontecimento é tão grande que o faz perseguir por alguns anos a ideia de se tornar explorador naturalista. A propagação da imagem de dedicação total a uma causa produz forte efeito no pequeno Elias, estando, no caso de Scott, diretamente ligada a um gesto de expansão do poder e consequente fortalecimento da imagem do império britânico. Também o naufrágio do navio Titanic põe o menino em contato com o luto coletivo gerado pela tragédia e, consequentemente, com o aparato de conforto e amparo emocional criado pela construção de uma identidade coletiva/nacional. É possível que as vivências desse período tenham desempenhado um papel importante na decisão do autor, em mais tarde, após o fim da II Guerra Mundial, assumir a cidadania britânica, ainda que tenha continuado a redigir todas as suas obras exclusivamente em alemão.

Os dois fatos mais relevantes abordados no contexto dessa transição cultural e linguística são, no entanto, a iniciação de Canetti à leitura, por meio de seu pai, e a morte

deste, pouco mais de um ano após a mudança da família para a Inglaterra. A segunda parte dos relatos, “Manchester 1911 – 1913” se inicia com a descrição dos meses que sucederam à morte do pai do autor – fato que não havia até então sido relatado. A opção por essa introdução, que avança a narrativa em mais de um ano, cria uma tensão em respeito à postergação do relato das circunstâncias de falecimento. O vínculo emocional desenvolvido por Canetti com a língua inglesa é marcado, assim, em grande parte, pelo luto e por tentativas de superação deste. Uma dessas tentativas consistiu no ritual criado pela governanta inglesa, Miss Bray, em trazer alívio emocional às três crianças da família judia por meio do entoar de hinos religiosos cristãos – iniciativa vetada de forma veemente e imediata pela mãe de Canetti, que a descobre certo dia por acaso ao voltar para casa mais cedo.

Entretanto, o alívio maior encontrado pelo autor – naquela época ainda com apenas sete anos de idade – é o ato da leitura, que passa a representar também uma forma de recordação da figura paterna. Canetti recebe o primeiro livro como presente do pai alguns meses após começar a frequentar a escola: uma edição infantil de *The Arabian Nights* ou *As mil e uma noites*, que é rapidamente lida, muitas vezes relida, reportada e discutida com seu pai em conversas que marcaram a memória do autor. O conto adquire, assim, um valor simbólico, uma vez que o ato de narrar ocupa posição central – e literalmente vital – tanto na trama fictícia de Sherazade e Shariar, quanto na autobiográfica, composta pelo autor sob a mesma égide: “Eu poderia facilmente demonstrar que quase tudo aquilo que me tornei mais tarde estava contido nos livros que li por amor ao meu pai em meu sétimo ano de vida.”<sup>28</sup> Esse ponto será retomado aqui mais tarde, no contexto da análise da relevância das narrativas na formação pessoal de Canetti.

<sup>28</sup> V. CANETTI, 2010, p. 46.

## *A língua alemã – a língua secreta desvendada*

A relação de Canetti com a língua alemã está profundamente ligada à sua relação com seus pais, em especial com sua mãe. Ele descobre, já na infância, a língua “secreta” em que seu pai conversa com sua mãe e na qual a trata não por seu primeiro nome, Mathilde, mas por “Mädi”<sup>29</sup>, fato que aguça mais ainda sua curiosidade infantil. Nessa época, Elias empreende algumas tentativas de aprender o alemão de modo autodidata, repetindo e tentando memorizar palavras e sentenças que intercepta da conversa par-

<sup>29</sup> Em alemão ‘ä’ é pronunciado aproximadamente como ‘é’ em português.

ticular de seus pais, porém somente após a mudança da família para Zurique é que a mãe decide ensinar-lhe alemão e prepará-lo para a admissão escolar em Viena, para onde a família se mudaria de modo definitivo. O método escolhido se revela singular: primeiramente ela enuncia frases em alemão e as traduz ao filho. Ao final de cada frase, pede a ele que as repita, eventualmente corrige sua pronúncia e ordena que memorize tudo – sem ler nem escrever nenhuma das frases –, controlando, no dia seguinte, palavra por palavra. O período inicial é crítico para ambas as partes, uma vez que o método parece não funcionar como esperado. Elias é considerado por sua mãe como o culpado do insucesso das aulas e castigado verbalmente por ela como mentalmente incapaz, o que lhe causa grande sofrimento e impacto psicológico.

A governanta inglesa que acompanhara a família desde Manchester, Miss Bray, ao perceber o estado debilitado da criança, intercede junto à mãe, que afinal concorda em deixar com Elias o livro didático – que havia usado, até então, sem permitir-lhe tocá-lo – porém, segundo ela, somente para que o filho treine sua caligrafia. Com acesso ao livro e a possibilidade de reler e escrever as frases, o progresso do aprendizado de Canetti dispara. Por fim, o choque causado pelo processo vivenciado pela família durante os três meses de permanência em Lausanne se converte em alívio e numa espécie de rito de passagem, como o próprio autor expõe:

[...] em Lausanne, onde por toda a parte eu ouvia ser falado o francês, que aprendi espontaneamente e sem maiores complicações, renasci, sob a influência materna, para a língua alemã, e das dores desse parto surgiu em mim a paixão que me uniu a ambas, a essa língua e à minha mãe.<sup>30</sup>

30 V. CANETTI, 2010, p. 92.

A imagem – aqui utilizada pelo autor – de um “renascimento” para a língua alemã compreende também o processo de conclusão de uma etapa primária da formação identitária de Canetti, que se completa com a chegada da família a Viena – onde, muitos anos antes, o relacionamento de seus pais começara – em alemão. É nessa língua que Canetti completará seus estudos escolares e acadêmicos (em Química) e, acima de tudo, é nela que escreverá todas as suas obras.

## A salvação da narrativa

A narrativa é o ponto principal de interseção das línguas nos relatos memorialísticos de Canetti: os vínculos identitários construídos pelo autor nessa fase de sua infância estão diretamente relacionados às narrativas que lhe são apresentadas e às quais ele atribui parte fundamental de sua formação. Suas memórias mais primevas são pontuadas por narrativas orais que marcaram sua infância: a repetida encenação da ameaça de mutilação da língua do autor ainda criança, assim como a repetição do episódio da transformação de Kako na *galinica* humana; as histórias sobre lobos contadas pela mãe do autor e as de lobisomem contadas pelas criadas búlgaras; a triste história da irmã do refugiado armênio que cortava lenha para a família; o relato do crime passionai cometido por um turco; as profecias apocalípticas em 1910, por ocasião da passagem do cometa Halley. Assim, a primeira e a segunda parte dos relatos do primeiro volume da trilogia contêm a descrição do processo de transição da transmissão oral para a escrita, após o aprendizado da leitura pelo autor: A entrada de Canetti na escola primária em Manchester, em 1911, e na escola secundária, em Viena, é acompanhada de uma nova fase de leituras. Após o período de Manchester e a morte do pai, são narrativas literárias que passam a constituir os marcos do amadurecimento do jovem Canetti.

Entre outras narrativas mencionadas, três delas são apresentadas com especial ênfase: A primeira é *The Arabian Nights* ou *As mil e uma noites*, o primeiro livro que Canetti recebe como presente de seu pai. A versão lida pelo autor pertencia a uma série destinada a um público infantil e, portanto, não continha os elementos eróticos e de violência de versões para adultos. Pode-se inferir que o elemento mais representativo no fascínio que Canetti expressa por *As mil e uma noites* é o contexto em que o ato de narrar é apresentado – como forma de salvar a vida de Sherazade e, conseqüentemente, de todas as outras virgens que ainda viriam a ser sacrificadas pelo rei Shariar. Assim como os outros dois exemplos, trata-se de uma narrativa em certo grau metalingüística ou, em outras palavras, de uma estória sobre estórias.

A segunda narrativa descrita nos relatos como especialmente relevante para a formação de Canetti é a *Odisseia* de Homero, com a qual o autor trava contato aos dez anos de idade por intermédio de sua mãe, que lhe presenteia com um livro de introdução aos mitos da Antigüidade clássica. Em sua última leitura em público, em 1983,

ou seja, já após sua condecoração com o prêmio Nobel de literatura, por ocasião da comemoração dos 150 anos da escola cantonal que frequentara em Zurique, Canetti leu exatamente alguns dos trechos em que descreve o fascínio que os clássicos gregos, em especial a *Odisseia*, lhe causaram.<sup>31</sup> O autor enfatiza, na primeira parte da trilogia, sobretudo a influência deles em sua formação literária: A narrativa do longo e sinuoso retorno de Odisseu a Ítaca teria suplantado em intensidade tudo o que viera antes em sua vida, tornando-se icônica em sua juventude.<sup>32</sup>

31 HANUSCHEK, 2005, p. 78.

32 CANETTI, 2010, p. 118-120.

Analisando a atração exercida pelo clássico grego sobre o autor no contexto atual de comparação entre as demais narrativas que o influenciaram, é sensato supor que sua relevância se deva a, preponderantemente, dois fatores: o primeiro é a condição da personagem principal, Odisseu – as viagens narradas no poema, em vez de exaurirem as forças do herói, parecem torná-lo ainda mais astuto, resiliente e desejoso do retorno à sua ilha natal. O itinerário de Odisseu e as experiências por ele vividas são, assim, fundamentais para a formação daquilo que viria a constituir a essência de sua personalidade. O segundo elemento fundamental na análise da influência da *Odisseia* nesse contexto é o fato de os episódios narrados no poema homérico apenas adquirirem proporções épicas no momento em que se tornam matéria poética: é por meio do bardo cego Demódoco, que narra um incidente da guerra de Troia envolvendo Aquiles e Odisseu, que este se dá conta de que seus feitos passaram a constituir parte dos temas tratados por seus contemporâneos. Sua vida é imortalizada não pelos feitos fantásticos em si, mas, sim, por seu registro, ou antes, por sua (re)criação, elaboração e transmissão narrativas. Assim como a narrativa se torna o elemento de imortalização da figura de Odisseu, pode-se considerar que também Canetti lança mão dessa estratégia como uma possibilidade de suplantação da finitude da vida por meio da recuperação de parte do elemento ausente e sua imortalização na narrativa: A primeira parte da trilogia autobiográfica é dedicada pelo autor a seu irmão, Georges Canetti, que vem a falecer em 1971, antes da conclusão do livro.<sup>33</sup>

33 BARNOUW, Dagmar: Elias Canetti zur Einführung. Hamburgo: Junius, 1996, p. 82.

A terceira narrativa de grande influência na formação de Canetti não é descrita na primeira parte da trilogia, mas, sim, na segunda – indicando, com isso, a intensidade do fascínio gerado pelas narrativas, que perpassa toda a obra: trata-se da epopeia babilônica de *Gilgamesh*,<sup>34</sup> com a qual o autor trava contato em Frankfurt am Main, por meio de uma leitura feita por um ator muito popular na época e pelo qual tinha grande

34 V. SIN-LÉQUINNÍNI: *Ele que o abismo viu. Epopeia de Gilgamesh*. Tradução do acádio, introdução e comentários de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

admiração, Carl Ebert (1887–1980). Canetti, que a princípio não se interessara demasiadamente pelo conteúdo da apresentação, mas antes pelo apresentador, é surpreendido e arrebatado pela intensidade dos versos. Sua impressão e interpretação de parte da obra estão contidas no capítulo “Gilgamesh e Aristófanes”, do segundo volume da trilogia: Canetti reconhece ali que a própria busca de Gilgamesh pela vida eterna, embora malograda, já seria uma justificativa de sua existência pelo fato de simbolizar a rebelião contra a morte. A rebeldia em favor da vida, partilhada e vivenciada por Canetti, manifesta-se fortemente em sua relação com as narrativas constitutivas de sua biografia. As narrativas sintetizam e cristalizam a matéria de que se constitui a existência humana. O respeito imposto pelas placas de argila babilônicas que nos legaram o conteúdo da epopeia mais antiga até hoje conhecida advém, em parte, do fato de que representam também uma empreitada singularmente bem sucedida de superação do esquecimento inerente à morte.

## Considerações conclusivas

A presente análise abordou o impacto da migração na representação autobiográfica do escritor de língua alemã Elias Canetti, em sua obra *Die gerettete Zunge*. O argumento desenvolvido mostra que, por meio do roteiro migratório (geográfico, cultural e sentimental) descrito nos relatos, os elementos linguísticos e as narrativas se tornam uma espécie de pátria imaterial transnacional, à qual Canetti recorre frequentemente na construção de sua imagem autobiográfica.

Na introdução à temática, foi estabelecida uma comparação entre a abordagem de Canetti em relação ao contexto migratório, que marcou grande parte de sua vida, e a abordagem apresentada nos relatos autobiográficos intitulados de *Die Welt von gestern*, do escritor austríaco Stefan Zweig. Pôde-se concluir que, diferentemente dos relatos de Zweig, em que a migração no contexto de guerra é abordada como experiência de desenraizamento (em alemão *Entwurzelung*) ou desarraigamento, nos relatos de Canetti, o encontro de línguas e narrativas suplanta a importância dos elementos político e territorial e possibilita a recuperação ou até mesmo a criação de um sentido para a jornada, como descrito no início da segunda parte da trilogia autobiográfica, *Die Fackel im Ohr*.

Aceitei, sem resistência, as mudanças de ambiente em minha juventude. Jamais lamentei que, quando criança, tivesse sido exposto a impressões poderosas e contrastantes. Cada novo lugar, por mais exótico que me parecesse a princípio, me conquistava pelo efeito particular que produzia em mim e por suas ramificações imprevisíveis.<sup>35</sup>

A comparação entre as duas obras ressalta o fato de que Canetti adota uma perspectiva normalizadora de um fenômeno que ainda se mostra altamente problemático – como a referência ao cenário sociopolítico atual, feita na introdução deste artigo, ilustrou. Essa perspectiva confere à obra analisada um caráter passível de ser descrito como pós-moderno em sua orientação no que se refere a uma ruptura e superação do *state of the art* do conceito de migração no século XX. Algumas interpretações da obra de Canetti<sup>36</sup> a caracterizam como um estágio intermediário de transição entre a Modernidade clássica, da virada do século XIX para o XX, e uma Modernidade tardia, da *Trümmerliteratur* e suas ramificações. Outra interpretação possível do gesto normalizador dos contrastes apresentados (ou implícitos) nos relatos, sugerida pela argumentação desenvolvida na presente análise, é que o embasamento da construção identitária em aspectos transnacionais, como língua e narrativa, cria uma unidade de sentido na própria “justaposição de contrastes”<sup>37</sup> constitutiva da Modernidade. Nisso se evidencia o potencial elucidador dos estudos literários quanto a um reconhecimento e uma superação dos conflitos gerados pelo conjunto de fenômenos entendidos como “consequências da modernidade”.<sup>38</sup> Essa superação passa invariavelmente pelo reconhecimento do caráter de construto de ideias e ideologias, formativas das estruturas sociais e das relações de poder – entre as quais figura o nacionalismo – que também se manifestam e se reproduzem sob a forma de narrativas.<sup>39</sup> Afinal, o próprio conceito de “Modernidade” representa em si uma dessas narrativas, uma vez que em sua base está a tentativa de abarcar a complexidade do período de transformações profundas parcialmente descrito nas duas obras autobiográficas aqui analisadas.

A assimilação construtiva de contrastes por meio da criação narrativa (e consequentemente por meio da língua) é, como o presente artigo buscou mostrar, a “salvação” da língua (e da literatura) descrita por Canetti em sua autobiografia, para a condição – ainda majoritariamente considerada um problema – de multiplicidade da Modernidade:

Rather than thinking of migration and modernity, for example, as seemingly neutral objects of historical, sociological, anthropological and literary enquiry (a criticism that can

35 CANETTI, 2010 (a), p. 9.

36 V. DURZAK, Manfred: *Canettis Lebensroman. Zu einigen Prinzipien seiner Darstellung*. In: ANGELOVA, Penka; STAITSCHIEVA, Emilia (Hg.): *Autobiographie zwischen Fiktion und Wirklichkeit: internationales Symposium, Ruse, Oktober 1992*. St. Ingbert: Röhrig, 1997 (=Schriftenreihe der Elias-Canetti-Gesellschaft; Bd. 1), p. 29-46, aqui p. 29.

37 Em referência a outro autor também nascido na Bulgária (e mais tarde radicado na França), Tzvetan Todorov (1939–2017), que reconhece que os avanços tecnológicos e o consequente crescimento da complexidade das relações sociais na Modernidade criaram não a supressão, mas uma justaposição de contrastes. V. TODOROV, Tzvetan: *La peur des barbares. Au-delà du choc des civilisations*. Paris: Robert Laffont, 2008, p. 3.

38 Como elabora GIDDENS, Anthony: *The Consequences of Modernity*. Cambridge: Polity Press, 1999.

39 Ponto abordado em BHABHA, Homi: *Nation and narration*. New York: Routledge, 1990.

40 CHAMBERS, Ian: *Migrating Modernities*. In: LEESE, Peter; MCLAUGHLIN, Carl; WITALISZ, Władysław (eds.): *Migration, Narration, Identity. Cross-Cultural Perspectives*. Frankfurt a. M.: Peter Lang, 2012 (Cracow Studies in English Language, Literature and Culture. Ed. by Elżbieta Chrzanowska-Kluczevska and Władysław Witalisz, v. 6.), p. 13-20, aqui p. 13.).

41 BARNOUW (1996, p. 83): “Die Sprache meines Geistes wird die deutsche bleiben, und zwar weil ich Jude bin. Was von dem auf jede Weise verheerten Land übrig bleibt, will ich als Jude in mir behüten. Auch ihr Schicksal ist meines; aber ich bringe noch ein allgemein menschliches Erbteil mit. Ich will ihrer Sprache zurückgeben, was ich ihr schulde. Ich will dazu beitragen, daß man ihnen für etwas Dank hat”.

42 Em referência à teoria apresentada em Bhabha, Homi: *The Location of Culture*. Abingdon: Routledge, 2004.

43 CANETTI, 2010, p. 15, assim como CANETTI, 1977, p. 15: *Es gibt wenig Schlechtes, was ich vom Menschen wie der Menschheit nicht zu sagen hätte. Und doch ist mein Stolz auf sie noch immer so groß, daß ich nur eines wirklich hasse: ihren Feind, den Tod.*

still be brought against many contemporary sociological and anthropological perspectives), we might change register here and begin to think with migration and follow its implications into the folds of a multiple modernity.<sup>40</sup>

Por fim, a salvação maior que a língua pôde trazer ao autor e ainda pode trazer àqueles que a ela se dedicam é apresentada por Canetti da seguinte forma:

Minha língua intelectual permanecerá o alemão apesar de eu ser judeu. O que resta do país, devastado de todas as formas, quero, como judeu, conservar em mim. O destino dela é também o meu; porém, carrego em mim ainda uma herança humana comum. Quero devolver à língua deles aquilo que a ela devo. Quero contribuir para que possamos ser gratos aos alemães por alguma coisa.<sup>41</sup>

Mesmo nesse contexto, a contribuição de Canetti à literatura mundial e aos estudos literários vai além de uma mera “absolvição” da língua, ela se aproxima de sua redenção. Não só a autobiografia, mas também a própria biografia de Canetti constituem um dos maiores exemplos do esforço pela autonomização da expressão literária em relação a categorias ideológicas no século XX. É nesse sentido que sua obra constitui um marco para a literatura de migração e para a teoria sobre esse fenômeno, sugerindo um “terceiro espaço”<sup>42</sup> literário – cujo estudo aprofundado permanece um desiderato de pesquisa. Nessa direção seguiram alguns dos contemporâneos de Canetti, como Franz Kafka, Rainer Maria Rilke, Erich Fried, Peter Szondi, Jakov Lind, Paul Celan, e seguem ainda hoje autores como Herta Müller, Feridun Zaimoglu, Maxim Biller, entre outros. Embora sejam autores de língua alemã, nem sempre foram considerados, consideraram ou consideram a si mesmos “alemães”. A solução de Stefan Zweig para a aporia identitária moderna foi descrever-se como “europeu” no título de suas memórias. A perspectiva de Canetti foi incluir-se à categoria dos seres humanos: “Há poucas coisas ruins que não se possa dizer de um ser humano, assim como da humanidade em geral. E mesmo assim o orgulho que sinto por esta ainda é tão grande que há apenas uma coisa que realmente desprezo: seu inimigo, a morte.”<sup>43</sup> É sobretudo contra essa, afinal, que Canetti se impõe, amparado pela *Salvação da língua*.

## Referências

### Literatura primária

- CANETTI, Elias. *Die gerettete Zunge. Geschichte einer Jugend*. Munique: Hanser, 1977.
- CANETTI, Elias. *Die Fackel im Ohr. Lebensgeschichte 1921-1931*. Munique: Hanser, 1980.
- CANETTI, Elias. *Das Augenspiel. Lebensgeschichte 1931-1937*. Munique: Hanser, 1985.
- CANETTI, Elias. *A língua absolvida: História de uma juventude*. Tradução de Kurt Jahn. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.
- CANETTI, Elias. *Uma luz em meu ouvido: História de uma vida*. Tradução de Kurt Jahn. São Paulo: Cia. das Letras, 2010 (a).
- CANETTI, Elias. *O jogo dos olhos*. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Cia. das Letras, 2010 (b).
- ZWEIG, Stefan. *Die Welt von gestern. Erinnerungen eines Europäers*. Berlin; Weimar: Aufbau-Verlag, 1990.
- ZWEIG, Stefan. *Autobiografia: o mundo de ontem*. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- ZWEIG, Stefan. *O mundo de ontem: memórias de um europeu*. Tradução de Manuel Rodrigues. Porto: Civilização 1980.

### Literatura secundária

- BARNOUW, Dagmar. *Elias Canetti zur Einführung*. Hamburg: Junius, 1996.
- BHABHA, Homi. *The Location of Culture*. Abingdon: Routledge, 2004.
- BHABHA, Homi. *Nation and narration*. New York: Routledge, 1990.
- CANETTI, Elias. *Masse und Macht*. Frankfurt a. M.: Fischer, 1991.
- CANETTI, Elias. *Die Blendung*. Frankfurt a. M.: Fischer, 1994.
- CANETTI, Elias. *Auto de fé*. Tradução de Herbert Caro. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo Cia. das Letras, 1995.
- CHAMBERS, Ian. Migrating Modernities. In: LEESE, Peter; MCLAUGHLIN, Carl; WITALISZ, Władysław (eds.): *Migration, Narration, Identity. Cross-Cultural Perspectives*. Frankfurt a. M.: Peter Lang, 2012 (Cracow Studies in English Language, Literature and Culture. Ed. by Elżbieta Chrzanowska-Kluczevska and Władysław Witalisz. Vol. 6.), p. 13-20.

- CURTIUS, Mechthild. *Kritik der Verdinglichung in Canettis Roman, Die Blendung: eine sozialpsychologische Literaturanalyse*. Bonn: Bouvier, 1973.
- DURZAK, Manfred. Canettis Lebensroman. Zu einigen Prinzipien seiner Darstellung. In: ANGELOVA, Penka; STAITSCHEVA, Emilia (Hg.): *Autobiographie zwischen Fiktion und Wirklichkeit: internationales Symposium, Ruse*, Oktober 1992. St. Ingbert: Röhrig, 1997 (=Schriftenreihe der Elias-Canetti-Gesellschaft; Bd. 1), p. 29-46.
- EDFELT, Johannes. *Award Ceremony Speech*. The Nobel Foundation, 1981. Disponível on-line: <[http://www.nobelprize.org/nobel\\_prizes/literature/laureates/1981/presentation-speech.html](http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1981/presentation-speech.html)> Acesso em 1 fev. 2018.
- ENGEL, Manfred (ed.). *Rilke-Handbuch. Leben–Werk–Wirkung*. Stuttgart; Weimar: Metzler, 2004.
- FRENZEL, Herbert A.; FRENZEL, Elisabeth. *Daten deutscher Dichtung. Chronologischer Abriß der deutschen Literaturgeschichte*. Bd. 2. Vom Realismus bis zur Gegenwart. Munique: Dtv, 1990.
- GIDDENS, Anthony: *The Consequences of Modernity*. Cambridge: Polity Press, 1999.
- GÖRTERMAKER, Manfred. *Geschichte Europas 1850–1918*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 2002.
- HANUSCHEK, Sven. *Elias Canetti*. Biographie. Munique; Viena: Carl Hanser, 2005.
- KRISTEVA, Julia. *Strangers to Ourselves*. New York (e. a.): Columbia University Press, 1991.
- LEESE, Peter; MCLAUGHLIN, Carl; WITALISZ, Władysław (eds.). Migration, Narration, Identity. Cross-Cultural Perspectives. In: *Cracow Studies in English Language, Literature and Culture*. Ed. by Elżbieta Chrzanowska-Kluczevska and Władysław Witalisz. V. 6. Frankfurt a. M.: Peter Lang, 2012.
- LORENZ, Dagmar C. G. (ed.). *A Companion to the Works of Elias Canetti*. New York: Camden House, 2004.
- MOSLUND, Sten Pultz. *Migration Literature and Hybridity. The Different Speeds of Transcultural Changes*. Basingstoke (e. a.): Palgrave Macmillan, 2010.
- OSTERHAMMEL, Jürgen. *Die Verwandlung der Welt. Eine Geschichte des 19. Jahrhunderts*. Munique: Beck, 2009.
- SIN-LÉQUI-UNNÍNNI. *Ele que o abismo viu: Epopeia de Gilgámesh*. Tradução do acádio de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 (Tradução, introdução e comentários de Jacyntho Lins Brandão).
- TODOROV, Tzvetan: *La peur des barbares: Au-delà du choc des civilisations*. Paris: Robert Laffont, 2008.

UNITED NATIONS ORGANISATION: *244 Million International Migrants Living Abroad Worldwide New UN Statistics Reveal*. On-line: <http://www.un.org/sustainabledevelopment/blog/2016/01/244-million-international-migrants-living-abroad-worldwide-new-un-statistics-reveal/> Acesso em 25 mar. 2018.

UNHCR. *The UN Refugee Agency*. Website: <http://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/576408cd7/unhcr-global-trends-2015.html>. Acesso em 21 mar. 2018.

ZWEIG, Stefan: *[Abschiedsbrief]*. 22 fev. 1942. Fonte: The National Library of Israel. Disponível on-line: [https://de.wikisource.org/wiki/Abschiedsbrief\\_Stefan\\_Zweigs](https://de.wikisource.org/wiki/Abschiedsbrief_Stefan_Zweigs). Acesso em 25 mar. 2018.